

«SÓ A UNIDADE, A COESÃO
E A DISCIPLINA DAS FORÇAS
ARMADAS PODERÃO IMPEDIR
VELEIDADES E IMPOSIÇÃO PRE-
TORIANA DE UMA VONTADE
POLÍTICA, SEJA ELA QUAL
FOR».

Ramalho Eanes
(31/7/79)

A Voz de LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 5\$00) N.º 738
ANO XXVII 9/8/1979

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Telef. 6 25 36 LOULÉ

A alienação da sociedade civil

por
ADRIANO MOREIRA

A proletarianização da sociedade civil, usando a manipulação da moeda e outros instrumentos conexos, é um processo de domínio que antecede a tomada integral do poder político.

Também se conhecem outros métodos de conquista prévia da sociedade civil, designadamente a implantação de uma contra-cultura, que procura substituir os valores tradicionais, à margem de qualquer aparente luta ideológica, ou promovendo, marginalmente, o

uso da droga, a prostituição, a promiscuidade, a marginalidade.

A negação dos cânones de interpretação do Cristianismo, pela simples contraposição de versões que enquadram os personagens evangélicos em modelos marginais do comportamento social, tem exactamente por objectivo a conquista prévia da sociedade civil pela mudança dos valores.

No primeiro caso, como o da manipulação da moeda, a sociedade verga os joelhos perante o assalto ao poder, sem com isso mudar as suas convicções; no segundo caso, muda as convicções (continua na pág. 8)

Consagração Nacional de uma artista louletana condecorada com a Comenda da Instrução Pública A PIANISTA MARIA CAMPINA

(Conclusão)

Antes porém, de terminar o seu discurso, o Dr. Magalhães dirigiu-se à homenageada para afirmar que a considerava como pedra fundamental na concretização deste milagre que é o de termos aqui, no Algarve, um Conservatório de Música e de que Maria Campina é na realidade a fundadora, salientando que foi a sua vinda para o Algarve que tornou possível a passagem do sonho à realidade, não se esquecendo de salientar a preciosíssima colaboração prestada pela Cruz Vermelha Portuguesa, que mesmo antes da existência do Conservatório se prontificou a iniciar e completar importantes obras de restauro e adaptação de parte de preciosa e inestimável prédio em que funciona o Conservatório.

Com aquela fluência que lhe é peculiar e o calor das entusiásticas palavras de quem sente intensamente na alma os problemas que lhe são queridos (e especialmente com tudo o que se relaciona com cultura), o Dr. Maga-

lhães mais uma vez nos revelou o seu amor às coisas do Algarve, que ele tanto estima e que não perde nenhuma oportunidade de enaltecer.

Como professora do Conservatório Regional do Algarve, a sr.ª D. Silvina Contreiras associou-se à homenagem para enaltecer as excepcionais qualidades da insigne Directora, cuja vida profissional e particular pode ser apontada (continua na pág. 4)

A ENTRADA E A ESTADIA DOS ESTRANGEIROS EM FRANÇA É AGORA MAIS DIFÍCIL

Por:
MANEL DE QUERENÇA

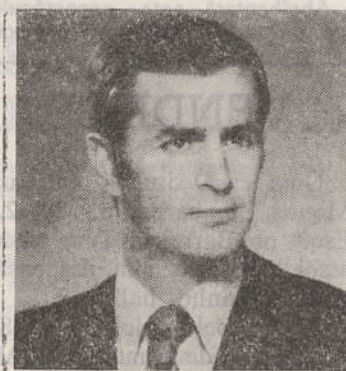
Numa improvisada conferência de Imprensa, a propósito da

A ACTIVIDADE PRIVADA FOI E CONTINUA A SER BASTANTE AFECTADA PELA SITUAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL EXISTENTE

— afirmou-nos o DR. BAPTISTA COELHO (Administrador da LUSOTUR)

● Entrevista conduzida por Luís Pereira

O Algarve continua a ser o segredo turístico mais bem guardado. Uma das regiões de férias mais distintas do Mundo. Vilamoura, o maior empreendimento turístico privado da Europa, situada no coração do Algarve, com mar e campo e sol todo o ano, é a sedução do próprio Algarve. Fonte de prazer e fonte de riqueza. Mar, sol, desporto, distração e convívio. Hotéis, apartamentos, moradias, casino, clubes, piscinas, campos de ténis e de golf, centros hípicas e restaurantes. Vilamoura possui uma Marina onde chegam barcos de recreio vindos de todo o Mundo. E para satisfa-



DR. BAPTISTA COELHO

zer as necessidades dos turistas e dos residentes, oferece-nos um Centro Comercial que vende de tudo, para todos, durante todo o ano.

«A Voz de Loulé» quis saber se Vilamoura dispõe já de todo um conjunto de infraestruturas que tornem fácil e cómodo viver neste moderno e requintado complexo turístico. Por isso, contactámos o dr. Júlio Baptista Coelho,

licenciado em Finanças, que pela sua experiência humana e empresarial, tem desenvolvido um trabalho sério, justo e significativo, razão porque é o responsável pela gestão global do empreendimento, administrador residente na Lusotur, um dos grandes impulsionadores do Turismo e, ao mesmo tempo, um homem simples, humano e sociável.

O PLANO DE EXPANSÃO DE VILAMOURA ESTÁ EM MARCHA

V. L. — Vilamoura é o maior e mais completo empreendimento turístico privado da Europa. Contudo, a iniciativa privada atravessa uma profunda crise motivada pelos condicionamentos políticos, económicos e sociais. Gostaria que se referisse ao Plano de expansão de Vilamoura e à respectiva Marina.

Dr. Baptista Coelho — Não há dúvida que a actividade privada foi e continua a ser bastante

(continua na pág. 5)

VILAMOURA tem novo atractivo

Vilamoura é cada vez mais, uma zona de grande interesse turístico. Provam-no o contínuo crescimento de iniciativas que ali se florescem em bom ritmo e hão-de transformar Vilamoura na aprazível estância de veraneio que os seus empreendedores sonham.

Fulcro principal desse desenvolvimento é, sem dúvida, a sua (continua na pág. 8)

COMUNICADO de um grupo de velhos democratas

Os abaixo assinados são homens que viveram a época salazarista e contra ela combateram e se sacrificaram.

Por isso sentem como um espinho na alma a afirmação, constantemente repetida, de que «isto» (o post 25 de Abril) é muito pior do que o regime de Salazar.

E o pior para os subscritores deste Comunicado é que as vozes saudosas são fundadas em factos reais e representam um consenso popular cada vez mais acentuado e avolumado.

Na verdade, passados cinco anos após o 25 de Abril, a quase totalidade dos portugueses sente-se mais pobre, mais infeliz e descrente.

A vida doméstica passou a ser tortura constante para as donas de casa que vêm em cada dia, que se segue a outro dia, o embaraço e ansia dum destino incerto e tenebroso.

A fome invade os lares, e a es-

perança de melhores dias seca-se como árvore que perdeu as raízes.

A carne que dantes custava 20\$00 o quilo custa agora 400\$00; o peixe que custava 15\$00 custa agora 300\$00; o pão que custava 6\$00 custa agora 30\$00 ou muito mais.

E o gás? E a electricidade? E a água?

Tudo isto sobe, tudo isto anuncia a nova subida.

E o calçado? Um par de sapatos que custava 100\$00, custa agora mil a dois mil escudos.

Mas a vida não tem apenas este intolerável aspecto material, tem também o aspecto moral que cada vez se detiora mais.

A mentira, a ameaça, a prostituição, o assalto à mão armada, o roubo e a degradação social, campeiam cada vez mais infrene.

Nas paredes das casas da cidade lê-se: «morra fulano ou (continua na pág. 3)



Promovido pela «Voz de Loulé»

CONCURSO FOTOGRÁFICO SOBRE CHAMINÉS ALGARVIAS

(VER PÁGINA 5)

NIGHT CLUB «KASBAR» EM VALE DO LOBO

Com o objectivo de dotar a zona de Vale do Lobo com entretenimentos considerados necessários a um centro de turismo e repouso, a Empresa de Vale do Lobo acaba de concretizar mais uma obra das muitas que pretende ainda levar a efeito: a inauguração de uma boite de luxo.

Com ambiente decorativo do (continua na pág. 3)

UM VELEIRO AO SERVIÇO DO TURISMO ALGARVIO

(VER PÁGINA 8)

RECORDANDO O PASSADO

Teatro louletano em 1917

Para todos quantos gostam de saber destas antiguidades, reproduzimos aqui o programa de uma recita realizada no Teatro Louletano, no longínquo dia (noite) de sábado, dia 6 de Janeiro de 1917. Esperamos com isto, que os nossos leitores mais velhinhos, veriam umas lágrimazinhas de saudade, e que os mais novinhos, se encham de brios, e pensem bem se se admitem numa terra como Loulé, não haja um raio dum grupo de amadores de teatro, que preencha o deserto cultural e recreativo que é esta vila.

O programa dizia assim: Recita promovida por um grupo de amadores da sociedade «Os Nocturnos», em benefício do hospital desta vila.

E continuava:

1.ª PARTE UM HOTEL MODELO Comédia em 1 acto — Original de João Borges

Personagens e intérpretes: Prudência Lampreia, tipo gordo (A. Formosinho); Aniceto Lampreia, míope (Vitor Oliveira); Alonso das Mercês, torpa (Joaquim Coelho); Segismundo Barata, centro (Silva Mendes); Armando Barata, galã (Analide Guerreiro); Aurora dos Anjos, ingénua (D. Evangelina Bastos); Um polícia, José Filhó.

2.ª PARTE A PEGUEIRA Opereta em 1 acto — Original de Martins d'Almeida

Personagens e intérpretes: Suzana, pastora — (D. Evange-

lina Bastos); Julião, pastor (Joaquim Coelho); Fernando, caçador (João Coelho).

3.ª PARTE UM JULGAMENTO NO SAMOUÇO Disparate em 1 acto — Original de Sabino Correia

Personagens e intérpretes: Sebastião Perfeito, juiz de direito (A. Formosinho); Pancrácio Salgado, Dr. Delegado (Analide Guerreiro); Canuto Andreza, advogado de defesa (Fabião de Campos); Barnabé Pantaleão, escrivão (Vitor Oliveira); Tomé das Paciências, oficial de diligências (J. M. Vasques); Libório França, cabo de segurança (Joaquim Coelho); Lucas Tinoco, barbeiro no Samouço (João Coelho); Quitéria Pereira, bruxa ou feiticeira (D. Evangelina Bastos).

Espectadores, etc.
Este programa pode ser alterado por qualquer motivo impre-

visto.
Abrilhanará este espectáculo um grupo de distintos músicos

VENDE-SE

Uma casa situada na Rua Miguel Bombarda, n.º 208-2.º Esq.º no Barreiro. Tem cinco assoalhadas, cozinha, despensa, casa de banho, hall.

Tratar pelo telefone 91184 na Estação de Almansil — Algarve.

(1-1)

HORTA

VENDE-SE

Com casas de habitação, luz, telefone, árvores de fruto, água de nascente no sítio de Almarjões — Campina de Cima — Loulé.

Informa telef. 62394 - Loulé.

(2-1)

VENDE-SE

Terreno para construção no sítio do Trote, Estrada do Ludo (próximo à estrada de Portimão).

Tratar pelo telefone 91184 — Estação de Almansil — Algarve.

(1-1)

VENDEM-SE

PROPRIEDADES

1 — Sequeiro c/ arvoredos c/ cerca de 2,5 ha, confrontando com a estrada Loulé-Quarteira, sita na Franqueada.

2 — Sequeiro c/ cerca de 2 ha, sita nas Pereiras a 300 m da Estrada Nacional 125.

Ambas c/ amplas possibilidades de regadio.

Nesta redacção se informa.

(3-1)

VENDEM-SE

Dois armazéns geminados, na Rua Sá de Miranda em Loulé.

Excelente para construção nova.

Informa: José Inácio Coelho — Rua da Carreira — Loulé.

VENDEM-SE

Dois apartamentos em Vila-moura. Um mobilado e outro sem mobília. Tratar pelo telefone 62462 — LOULÉ.

sob a regência do hábil maestro Pires.

Principia às 20 horas e meia. Impresso na Tipografia Louletana.

São simplesmente deliciosas algumas expressões empregues neste programa, vistos assim à distância de 62 anos. «Os Nocturnos»; o torpa Alonso das Mercês; a ingénua, Aurora dos Anjos; o Disparate em 1 acto; os espectadores, etc.; os distintos músicos sob a batuta do hábil maestro Pires; o princípio às 20 horas e meia. Delicioso, tudo isto. Não haverá por aí ninguém que tenha ainda amor ao teatro?

Ribeira de Algre



FRANCISCO VIEGAS

AGRADECIMENTO

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas de todas as pessoas que de qualquer forma compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todos aqueles que acompanharam à sua última morada o seu saudoso extinto.

AGÊNCIA VÍTOR — LOULÉ

Trespasa-se

Mini-Mercado em Loulé (bem situado), com boa clientela.

Nesta redacção se informa.

SALÃO

DE CABELEIREIRA

Vendem-se vários apetrechos de salão de cabeleireiro. Nesta redacção se informa.

(3-1)

EMPREGADA DOMÉSTICA

(PARA A ALEMANHA)

Para casal de médicos, de origem portuguesa e alemã, para cuidar de duas crianças (6 anos e 8 meses). Comida e alojamento. Ordenado a combinar.

Enviar «curriculum vitae». Resposta a este jornal ao n.º 53.

(2-1)

A linda Constituição que nos deram

V

(Continuação)

Nos termos do artigo 13.º, os intérpretes não podem negar que uma pessoa, economicamente bem instalada na vida, tem direito ao gozo dos bens que são sua pretenção.

Na verdade, preceitua o artigo 13.º da Constituição que «Ninguém pode ser privado de qualquer direito em razão de situação económica ou social», e contudo certos bandos de ladrões privaram do direito de propriedade muitos cidadãos só pelo facto da sua situação económica e social.

A perseguição aos direitos daqueles cuja situação económica suscitava a sua cobiça e ódio estendeu-se a pequenos proprietários que nas suas terras levavam uma vida dura de trabalho para viverem, mais dura ainda do que a de muitos que não tinham chão de seu para lavrarem.

E quantos não ficaram sem as suas casas que eram as suas próprias residências?

Claro que isto foi uma obra de gatunos que não acarretaria a responsabilidade do Estado, administrado por um governo que não interveio no acto delituoso; mas tal posição não isenta a Constituição e uma política que em vez de fornecerem meios às vítimas para se defenderem do crime, sancionam este em nome de uma nova Ordem Social.

Mas em nome de uma Nova Ordem Social, que não existe, porque não é uma nova ordem o facto de um pequeno número de criminosos gozarem do privilégio da impunidade, alimenta-se a injustiça. São inumeráveis os privilégios que esta linda Constituição que nos deram concede ao proletariado; e quando, timidamente, alguma das suas disposições pretende limitar a extensão escandalosa desses privilégios, ela é letra morta.

Assim quando no artigo 54 se preceitua que incumbe ao Estado assegurar, as condições de trabalho, nomeadamente:

a) O estabelecimento e actualização do salário mínimo nacional, bem como o salário máximo, tendo em conta, entre outros factores, as necessidades dos trabalhadores, o aumento do custo de vida, o nível de desenvolvimento das forças produtivas, as exigências da estabilidade económica e financeira à acumulação para o desenvolvimento.

Nenhuma força vinculativa se dá aos factores «nível de desenvolvimento das forças produtivas»; «as exigências de estabilidade económica e financeira» e a «acumulação para desenvolvimento».

Que interessa ao proletariado o nível de desenvolvimento das forças produtivas, ou as exigências da estabilidade económica e financeira, para consentir dependentes destes factores o seu salário?

E quem o faria consentir nessa dependência da acumulação para o desenvolvimento?

Admitir esse consentimento seria atribuir-lhe inteligência, muita dignidade e um patriotismo que não tem.

Se isto não é como digo, provem-me com exemplos aqueles que pretendem negá-lo.

Ninguém ainda viu, durante a embriaguez do após 25 de Abril, o proletariado interessar-se pelo desenvolvimento das forças produtivas, pois toda a sua luta sem luta e com promessas de novar formas, de luta, tem sido pelos seus postos de trabalho, e, se possível, sem trabalho — o posto é que lhe interessa.

O proletariado não se interessa pelo desenvolvimento das forças produtivas nem pela produtividade das unidades de trabalho, e antes considera ascorrosos e laiaos do capitalismo aqueles trabalhadores que imbuídos de dignidade pelo dever cumprido se aperfeiçoam na qualidade e quantidade da sua produção.

Este período de 5 anos das amplas liberdades prova que a estabilidade económica e financeira das empresas ou do Estado nada risca perante a sua algazarra, os seus plenários, as suas reivindicações e as suas exigências salariais.

Se toda a sua actuação produz o desequilíbrio financeiro e o descalabro económico, ele grita que tudo isso é obra dos sabotadores, dos capitalistas, latifundiários e fascistas. E quando como consequência de tudo isso, a fome surge ameaçadora, o proletariado, dentes cerrados grita: **que paguem os ricos!**

Sim, que paguem os ricos que já não existem; mas que ele, o magnate dos 100 contos mensais, continue a mascar os mariscos que já não pode engolir para um estômago enfartado até à boca.

O vigoroso jornalista Dr. Sousa Tavares denuncia-o, em a Capital de 23/8/77 nos seguintes termos, referentes às suas folhas de férias: «...folhas de férias aos milhares com valores líquidos à roda das muitas dezenas de contos e ultrapassando até a centena de contos».

São estes nababos da cintura industrial de Lisboa, arrecadando muitas dezenas mensais de contos e até ultrapassando as centenas que constituem o proletariado que escreve nas paredes que paguem os ricos, a crise, porque ele é um pobre de Job explorado, pelo vil patronato e não um ricoço, pois os 100 contos mensais que recebe não chegam para pagar os mariscos que a sua boca, faminta de séculos, engole nas tabernas de Almada.

Aí, nessas tabernas, pode ver-se o pobrezinho proletariado a voçiferar contra o Governo por haver devolvido, por imperativo constitucional, a reserva ao expoliado proprietário alentejano, ou a devolução da Empresa roubada ao seu dono, já que a imbecil e fraudulenta administração do proletariado assaltante a tornou inoperante, e depois quis transformá-la em pródiga chucha por ânsia de avarias estatais.

E não julgue qualquer pessoa, que não tenha lido a linda Constituição que nos deram, que os privilégios a favor do proletariado, sem qualquer contra-partida a favor da Nação, ficam por aqui.

Tantos são os privilégios apontados que qualquer pessoa fica surpreendida se lhe dissermos que ainda há nesta Constituição, muitos e muitos outros que, enumerá-los a todos, seria um nunca mais acabar; mas, para que ninguém possa duvidar, vamos mencionar algumas mais.

Nesta altura é conveniente transcrever o artigo 55 desta linda Constituição que nos deram:

«É direito dos trabalhadores criarem comissões de trabalhadores para defesa dos seus interesses e intervenção democrática na vida da empresa, visando o reforço da unidade das classes trabalhadoras e a sua mobilização para o processo revolucionário da construção do poder democrático dos trabalhadores».

Criar comissões de trabalhadores dentro das empresas onde trabalham, é um direito dos trabalhadores. E para quê?

Para tais comissões defenderem os interesses dos mesmos trabalhadores que pelo facto de terem recebido trabalho que lhes dá o patrão, estão em perigo esses interesses.

Esta filosofia constitucional leva-nos a deduzir que um cidadão moralmente bem formado e que tenha capitais disponíveis não os deve investir em obras onde trabalhadores tenham postos de trabalho, para que estes não hajam que se defender dele como inimigo.

(Continua)

COMUNICADO DE UM GRUPO DE VELHOS DEMOCRATAS

(Continuação da pág. 1)
morra beirano; contra a canalha
unidade e luta de quem trabalha,
subscrito pelo P. R. P. cujos
membros, muitos dos quais, es-
peram na cadeia julgamento por
assaltos à mão armada e assas-
sinato.

Pois já temos visto, nos jor-
nais, protestos contra as prisões
destes, subscritos por semi-inte-
lectuais que examinam os jornais
com a sua prosa irresponsável.

Também nas paredes e nos
jornais lê-se constantemente: «os
ricos que paguem a crise».

Quer dizer: o sapateiro que
exige agora mais de mil escudos
por cada par de sapatos que faz,
não é explorador do homem pelo
homem: é um proletário com di-
reito limitado a multiplicar a cri-
se; e o pedreiro que exige mil es-
cudos diários pelo seu labor, e
que multiplica a crise de habita-
ção, não é o explorador do ho-
mem pelo homem: é o benemé-
rito social que fomenta uma crise
para os ricos pagarem...

E se intelectuais irresponsáveis
protestam nos jornais contra a
prisão de assaltantes a Bancos,
e glorificam aquele que assassi-
nou o patrão por este ser lati-
fundário e «não haver no nosso
país lugar para latifundiários»,
não falta quem na vida política
defenda publicamente esta bandi-
tagem e incite à prática persis-
tente e continuada da violação às
leis, de insubordinação às auto-
ridades e fomenta a desordem
por meios violentos.

Na Assembleia da República
ouve-se constantemente os ape-
los à violência, aos assaltos à
propriedade privada, à desobe-
diência às autoridades, sem que
sejam tomadas medidas contra os
provocadores que aí se acoitaram
para melhor perturbarem a or-
dem Pública e desestabilizarem
as instituições democráticas, fi-
dos, sem fundamento, no artigo
160 da Constituição que diz que
os Deputados não «respondem
civil, criminal ou disciplinarmente
pelos votos e opiniões que emi-
tem no exercício das suas fun-
ções».

Mas emitir votos ou opiniões
não é o mesmo que incitar à vi-
olência ou chamar a violar leis ou
ordens do Poder Executivo.

E as desordens e faltas ao tra-
balho têm sido da responsabi-
lidade dos comunistas moscovitas e
do partido dos Barões do Maris-
co pela boca do seu único depu-
tado, e ninguém lhes pediu res-
ponsabilidades.

Uns e outros têm na Assem-
bleia da República, e fora dela,
incitado os trabalhadores a reo-
cuparem as terras devolvidas pe-
las autoridades aos seus legiti-
mos donos. Este desafio é crime
que o artigo 160.º da Constituição

não protege, e por isso nos admi-
ra e choca que o Governo Mota
Pinto, que activamente digno tem
sido, não tenha respondido à pro-
vocação destes provocadores.

É certo que a medida que pre-
conizamos teria como consequên-
cia o P. C. e a U. D. P. porém
em movimento os seus militan-
tes, por intermédio da sua subor-
dinada Intersindical; mas isto po-
deria ser enfrentado pela mobili-
zação da Nação contra os ele-
mentos provocadores e anti-pa-
trióticos, o que algum dia terá de
acontecer, e quanto mais cedo
menos prejuízos causará.

Como se sabe a Inter-Sindical
não funciona como elemento
coordenador e defensor dos tra-
balhadores, mas sim como mobi-
lizadora dos trabalhadores contra
o patronato e contra o Estado.

Para a Inter-Sindical o patro-
nato é o inimigo dos trabalha-
dores, a quem é necessário dar ba-
talha, e não uma entidade com
quem estes devem entabolar ami-
gavelmente o contrato de traba-
lho; e nunca ela procedeu de
outra maneira que não fosse com
a violência nascida de guerra la-
tente.

Das muitas milhares de greves
que têm assolado o nosso pobre
país após o 25 de Abril de que a
rádio e a televisão diariamente
nos dão conta, nem uma só vez
a Inter-Sindical apareceu como
elemento apaziguador nem nunca
reconheceu falta de razão nos
grevistas.

E a lógica admite que entre os
milhares de acções praticadas
pelas pessoas nem todas são ra-
zoáveis ou justas; e isto nunca a
Inter-Sindical reconheceu ou ad-
mitiu; pelo contrário, sempre
achou todas justas e por isso
mesmo as incentiva e provoca.

Trata-se duma organização que
perturba a paz social e prejudica
constante e permanentemente a
Nação.

A Inter-Sindical é o braço ar-
mado do PC que dela se serve
para destruir o nosso país enfer-
mo que só pode readquirir saú-
de com o desaparecimento do
partido político que Mário Soares
e Melo Antunes proclamam indis-
pensável à democracia. Não há
dúvida, e não pode haver dúvi-
das, de que Mário Soares e Melo

VENDEM-SE

Apartamentos, em blocos de
construção moderna, em acaba-
mento, c/ 3 assoalhadas e a pre-
ços acessíveis, situados na Rua
da Central Eléctrica.

Informa-se no local, com Ma-
nuel José Portela Neves.

(10-3)

Antunes são médicos de um
doente que eles pretendem curar
instilando-lhe um cancro no or-
ganismo.

Foi assim que eles e os comu-
nistas procederam quando defen-
deram e propuseram a publicação
da Linda Constituição que nos de-
ram e que não permite a exis-
tência de qualquer Governo que
governe e que administre com
isenção e inteligência a coisa pú-
blica.

Mas nós, velhos que combate-
ram o salazarismo e que por este
fomos perseguidos e espezinha-
dos, temos o direito de vermos
satisfeito o sonho de um país
saudável, limpo e digno, que sa-
tisfaça o desejo e o interesse dos
portugueses, e por isso resolve-
mos vir à liza para denunciar pú-
blicamente os actos indignos e
prejudiciais à nossa querida Pá-
tria, agora e sempre enquanto ti-
vermos uma réstia de vida.

Avisamos que não dormiremos
mais e que voltaremos com o
nosso J'Accuse!

Pelo Grupo,
NEVES ANACLETO

NIGHT CLUB «KASBAR» EM VALE DE LOBO

(Continuação da pág. 1)
exótico Marrocos, naturalmente
que o novo «night club» teria
que ter uma denominação re-
lacionada com as tradições da-
quele país e por isso foi escolhi-
do o nome «Kasbar».

A inauguração foi festivamen-
te assinalada com a presença de
centenas de distintos convidados,
que revelaram o seu interesse
por um arrojado empreendimento
que se coloca a par dos me-
lhores do seu género no País.

E não só a boite «Kasbar» em
si é digna de ser visitada como
também merecem ser apreciados
os espectáculos ali realizados e
de que a festa inaugural foi ex-
celente exemplo, pois os núme-
ros apresentados foram extraor-
dinariamente aplaudidos.

Segundo nos informaram, a
ideia desta original iniciativa
partiu da senhora de Van Gel-
der, proprietário do empreendi-
mento e foi concretizada pelos
arquitectos Clive Bachelor e
Claus Feder, que conseguiram
harmonizar a beleza e o requin-
te dum certo esplendor mar-
roquino com a graciosidade de
uma casa de espectáculo onde
se está agradavelmente bem in-
stalado, sem que falte a sensação
de verdadeiro ambiente do Nor-
te de África porque os empre-
gados até envergam o típico
djalba (vestido) e o «caftan»
(lenço e cordão), dos trajes mar-
roquinos.

Se a arquitectura e a decoração
são excelentes, entretanto se po-
derá dizer também do magnífi-
co serviço que é prestado a to-
dos os clientes do «Kasbar», o
qual gira sob a proficiente di-
recção do nosso conterrâneo e
prezado amigo sr. José Neves
de Oliveira, um profissional que
se tem revelado à altura da car-
reira que escolheu.

Provam-no o facto de, apesar
de ser bastante jovem, ter gan-
ho o 1.º prémio do Concurso
de Barmen «Martini Prize Pais-
sa» realizado em 1974 no Ho-
tel Shartenon, com a comparên-
cia de 200 profissionais.

APARTAMENTOS EM QUARTEIRA

Vende-se um apartamento
no 14.º andar da Torre Azul.
Bons acabamentos.

Servido por 3 elevadores.
Com chave na mão.

Tratar: telef. 62353 - Loulé.
(3-2)

Notícias pessoais

CASAMENTO

No Mosteiro dos Jerónimos,
em Lisboa, celebrou-se há dias
a cerimónia de enlace matrimo-
nial da sr.ª D. Maria Isabel
Gonçalves Nunes, professora,
com o nosso prezado amigo e
comprovinciano sr. Torquato de
Luz, distinto jornalista e direc-
tor do «Jornal Novo», natural
de Alcantarilha.

Foi celebrante o pároco de
Santa Maria de Belém, rev. pa-
dre Manuel Branco.

Testemunharam o acto, por
parte da noiva, o sr. José Hercula-
no Leiria, industrial de fotogra-
fia, em Lisboa, e a sr.ª D. Si-
mone Martins Gomes, e por par-
te do noivo, o sr. dr. Daniel Proen-
ça de Carvalho, advogado e mi-
nistro da Comunicação Social, e
a sr.ª Dr.ª D. Maria Natália
Teixeira da Silva, advogada.

Após a cerimónia, foi servido
um copo-de-água aos convidados
no Hotel Embaixador.

Ao novo casal, que esteve no
Algarve em lua-de-mel, fixou re-
sidência em Lisboa, endereça-
mos os nossos parabéns e for-

mulamos votos de feliz vida con-
jugal.

FALECIMENTOS

EDUARDO JOÃO DA SILVA

Vítima de pertinaz doença fa-
leceu em Faro, onde residia há
longos anos, o sr. Eduardo João
da Silva, fundador e co-proprie-
tário da conhecida Livraria Sil-
va, há muitos anos existente na
capital algarvia. Natural de
Évora, contava 81 anos de ida-
de e pertencia a uma família
de comerciantes ligados ao ra-
mo de papelaria e livraria com
estabelecimentos em Évora, Por-
talegre, Beja, Santarém, Faro e
Portimão. O saudoso extinto
deixa viúva a sr.ª D. Alice do
Nascimento Silva.

As famílias enlutadas endere-
çamos sentidas condolências.

PEDRO GOMES MARQUES

Com 91 anos de idade, fale-
ceu em Faro, no passado dia 12
de Julho, o nosso conterrâneo,
prezado amigo e dedicado as-
sinante, sr. Pedro Gomes Mar-
ques, viúvo.

O saudoso extinto era pai dos
srs. Rui Pedro Pacheco Marques
e Humberto Pacheco Marques e
irmão da sr.ª D. Maria José
Peres Marques e do nosso as-
sinante e amigo sr. Manuel Ro-
drigues Marques.

Deixou 10 netos.
A família enlutada enviamos
as nossas condolências.

HORÁCIO DIONÍSIO

SANTOS

Faleceu há dias, em Faro, on-
de há muitas décadas residia, o
sr. Horácio Dionísio Santos, con-
ceituado comerciante e indus-
trial, funcionário aposentado da
Junta Distrital de Faro e figu-
ra muito conhecida, estimada em
toda a província do Algarve. Na-
tural de Silves, contava 65 anos
de idade e deixava viúva a sr.ª
D. Maria Paula da Costa Boto
Santos. O saudoso extinto era
pai dos srs. Horácio da Costa
Boto Santos e Henrique José
da Costa Boto Santos e sogro
das sras. D. Maria de Fátima
Celorico Infante Boto Santos e
D. Maria Teresa Cabrita Morei-
ra Boto Santos.

Trespasa-se

Um talho, em Santa Bárba-
ra de Nexe, (no sítio da Igre-
ja), Rua de S. Brás. Com al-
vará.

Motivo: falecimento do pro-
prietário.

Tratar pelo telef. 91216 —
Santa Bárbara de Nexe.

(2-1)

PESQUISA DE ÁGUA

SE A SUA PROPRIEDADE TIVER ÁGUA
ESTA FICARÁ MAIS VALORIZADA
Certifique-se dessa possibilidade consultando



FRANCISCO MARTINS

Considerado presentemen-
te o melhor védor de Por-
tugal. Através dum moder-
no aparelho magnético ou
simplesmente por raio vi-
sual, assinala a passagem da
água a qualquer profundida-
de, possibilitando a aber-
tura de poços com seguran-
ça e êxito.

Toma responsabilidade pela indicação dos furos artesianos

Se precisa de água na sua propriedade contacte com

FRANCISCO MARTINS

VICENTES - TÔR Telef. 62096 LOULÉ
(2-2)

TERRENOS

ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/
CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LO-
CALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA —

R. SERPA PINTO, 1 A 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

CONSAGRAÇÃO NACIONAL à pianista Maria Campina

(continuação da pág. 1)

da como saínter exemplo às gerações actual e vindoura, porque tem sabido fazer irradiar em redor de si a brilhante luz do seu temperamento artístico.

Após uma resumida mas bem ordenada descrição da carreira artística de Maria Campina, que foi coroada por êxitos sucessivos, D. Silvina Contreiras prestou pública homenagem à dinâmica Directora dum Conservatório cuja projecção em todo o País se deve em grande parte ao seu prestígio, o que proporciona aos respectivos professores a felicidade de colaborarem numa obra de enaltecimento artístico do Algarve, considerando aquele estabelecimento de ensino como uma pequena planta semeada e amorosamente tratada por Maria Campina, «que é hoje uma viçosa árvore a cuja sombra se acolhem cerca de mil jovens e adultos, recebendo os preciosos frutos desta alma mater que a todos incita com a sua vontade férrea, com a doçura das suas palavras, com o encanto do seu trato, com o exemplo da sua simplicidade, do desprendimento total de si própria — sacrificando, muitas vezes, a própria saúde por amor dos seus alunos, que seus filhos considera, dos seus colaboradores, numa doação total à sua arte».

D. Silvina Contreiras prestou ainda homenagem aos pais de D. Maria Campina pela forma como orientaram a sua infância e a seu marido, que tem sido um grande e precioso colaborador e terminou considerando a entrega da Comenda da Ordem de Instrução Pública como a mais justa homenagem do País à grande artista algarvia de nível nacional e internacional.

Exteriorizando a sua felicidade por, acidentalmente, se ter incluído entre os primeiros alunos do Conservatório, falou em nome de todos os seus colegas o sr. Joel Alexandre que em largos traços descreveu como sentiu despertar no seu íntimo os primeiros sintomas daquilo que hoje considera inclinação para a maravilhosa arte dos sons e relatou também como foi a sua entrada para o Conservatório do Algarve e a alegria que sente de ter sido um dos primeiros alunos e ter encontrado em D. Maria Campina alguém que muito contribuiu para estimular o seu gosto pela música e ajudar a formação do seu carácter.

Daí a razão de não poder perder aquela oportunidade de se associar a uma homenagem que considerava justíssima, pois sentia que decorridos estes anos de agradável e útil convívio com a sua professora cada vez sente ser mais notória a sua gratidão para com a ilustre cidadã D. Maria Campina.

O sr. Joel Alexandre aproveitou a oportunidade para salientar o seu reconhecimento por ter sido agradável e surpreendido em Setembro último pelo gentil convite que lhe foi dirigido pela sua dedicada professora para trilhar os caminhos do ensino.

Do seu magnífico aproveitamento fala a circunstância de ter sido convidado para professor do Conservatório após ter frequen-

tado apenas 5 anos naquele estabelecimento, o que é por mais evidente de uma inclinação para a arte musical e que teria sido totalmente desaproveitada se não fôra a existência do Conservatório do Algarve.

Como grande admirador da obra de D. Maria Campina e de portavoz de quantos estavam ali a prestar a sua homenagem à insigne artista, falou o Dr. Mário Lyster Franco, figura prestigiosa do meio cultural algarvio, que pôs nas palavras do seu brilhante improviso a tônica dum impacto de elevado tom que lhe é peculiar e que sua provecida idade não conseguiu ainda diminuir. As suas palavras, bem coordenadas e cada uma colocada no seu lugar exacto e no momento próprio, ecoaram pelo Teatro Lethes como a lembrança de um passado em que o seu nome ficou ligado à actividade de Maria Campina, enaltecendo as várias facetas de uma vida inteiramente vivida ao serviço da arte musical.

O acto da colocação da Comenda da Ordem da Instrução Pública deixou profundamente impressionada a distinta pianista, que assim viu reconhecido o esforço do seu trabalho ao longo de 50 anos de exaustivo sacrifício em prol de uma causa que tem sido a paixão de toda a sua vida. Deprendemos isso, também através da ternura das suas palavras de agradecimento que a todos dirigiu, comovida por tantos e tão simpáticos gestos de amizade que lhe foram testemunhados pelos numerosos amigos ali presentes numa festa tão enternecedora.

Embora reconhecendo que o Conservatório é uma obra indiscutível de valor, Maria Campina não se esqueceu de acentuar que nada teria sido possível fazer sem a colaboração dedicada dos seus colegas e tantas outras pessoas cujo contributo foi preciso para erguer aquela magnífica obra e imprimir a necessária vitalidade e a continuidade que se impõe seja mantida, pois hoje em Portugal, disse, «já se pode ser profissional de música. A minha profissão foi sempre a música. Nunca fiz mais nada e sinto-me feliz com isso. Pode-se fazer carreira de música, até porque as entidades responsáveis por este País já vão entendendo que a música pode e deve ser considerada uma profissão», acentuou Maria Campina, que acrescentou ser a sua opinião que o êxito alcançado pelo Conservatório do Algarve é também testemunho de que o País está aumentando com novo entusiasmo, o gosto cada vez maior pela música, insistindo que é preciso que os jovens tomem lugar dos menos novos para que o entusiasmo prossiga como a música merece.

Propositamente deixámos para o fim uma referência muito especial para o facto de o professor Varela Cid, se ter deslocado ao Algarve para estar presente a esta simpática festa de homenagem à sua ex-aluna Maria Campina e até actuar no espectáculo que lhe foi dedicado.

E em palavras embuidas de elevado sentimento de amizade, o professor Varela Cid acentuou que estava ali para dizer àquele

grupo de amigos de Maria Campina as suas recordações daquela que ainda hoje considera como a mais brilhante das suas alunas durante a sua vida no Conservatório. E além de mais brilhante foi também a mais premiada, a ponto dos seus professores dizerem que «se mais concursos houvesse, mais ganharia».

Em palavras repletas daquela ternura que concretiza as pessoas da 3.ª idade quando falam dos seus entes mais queridos, o Professor Varela Cid terminou com as seguintes palavras: «Venho aqui dar-lhe os meus parabéns por terem uma conterrânea tão ilustre como é Maria Campina».

Como locutor oficial daquela histórica sessão o sr. Armando José Filhó leu as numerosas mensagens recebidas dos mais diversos pontos do País e do estrangeiro, de saudações fraternas e de parabéns a Maria Campina, a quem aliás foram entregues numerosos «bouquês» de belas flores, além de outras lembranças a simbolizar a amizade dos seus ofertantes.

Durante aquela memorável noite, que certamente ficará gravada para sempre no seu coração, Maria Campina foi alvo de inúmeras manifestações de carinho, amizade e muito apreço pelas suas raras qualidades de artista. E tudo isso ficou também simbolizado no busto que foi inaugurado em homenagem à distinta e muito querida Directora do Conservatório Regional do Algarve.

Pela nossa parte, e supondo podermos dizer que interpretamos os sentimentos de gratidão e or-

(continua na pág. 8)

Trespasa-se

Estabelecimento de confecção e retrozeiro.

Tratar na Praça da República, 96 - Telef. 62328 - Loulé. (6-2)

Betoneiras - Alugam-se

Com ou sem guincho.

Tratar com Aníbal Valério Domingos, Rua David Teixeira, 215 r/c Esq. — Loulé, Tel. 63092 (das 9 às 19) e 62860 (residência).

VENDE-SE

Um prédio na Av. José da Costa Mealha, c/ cave, r/c e 1.º andar, estando o r/c vago. Informa-se nesta redacção. (4-3)

VENDE-SE

Uma propriedade no sítio da Costa — Loulé (próximo do cemitério) com terra de semear, figueiras, ameixoeiras, oliveiras, com um armazém, água canalizada e electricidade próximo. Nesta Redacção se informa. (4-4)

LUIZ PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia, n.º 31 — Tel. 62406

LOULÉ

«A VOZ DE LOULÉ» EM SALIR

A sr.ª D. Benedita do Carmo Santos, de 79 anos de idade, professora primária aposentada e encarregada do posto de Registo Civil, de Salir, casada com o sr. António Rodrigues do Rosário, aqui residente, ao atravessar a estrada em frente à sua residência, foi atropelada por uma motorizada conduzida pelo seu proprietário Damásio Damasceno, de 18 anos de idade, pintor, residente em Almansil.

Do acidente resultou a pobre senhora ficar prostrada no solo sem sentidos e com ferimentos de muita gravidade.

Transportada imediatamente ao hospital de Faro na ambulância dos Bombeiros Municipais de Loulé, veio a falecer pouco depois de ali ter dado entrada.

A notícia causou a mais profunda consternação em toda a população de Salir, onde era muito estimada pois a D. Benedita exerceu aqui a sua profissão durante 40 anos.

O funeral realizou-se no dia 13 de Julho, do hospital de Faro para o cemitério de Salir onde os restos mortais ficaram depositados em jazigo, incorporando-se no préstito elevado número de pessoas, principalmente entre a igreja matriz onde foi celebrada missa de corpo presente, e o cemitério, vendo-se multissimos dos seus antigos alunos, que em sinal de reconhecimento e respeito a quiseram acompanhar à sua última morada.

Após algum tempo de doença grave, faleceu na sua residência nesta localidade no passado dia 16 de Julho, a sr.ª D. Serafina de Sousa Pires Afonso, de 69 anos de idade.

Era casada com o sr. Manuel Francisco Afonso, proprietário, mãe dos srs. Amadeu Pires Afonso, Manuel de Sousa Pires Afonso e José de Sousa Pires Afonso; sogra das sras. Dr.ª Maria Celina Viegas Pires Afonso, D. Isabel da Palma Teixeira Afonso, D. Maria Manuela Gonçalves Pereira Afonso e avó da menina Isabel Celina

Viegas Pires Afonso, dos meninos Amadeu José Viegas Sousa Pires Afonso, Carlos Manuel Pereira Pires Afonso, Antero Pereira de Sousa Pires Afonso e Nuno Teixeira Pires Afonso, todos estudantes.

O funeral realizou-se no dia seguinte, tendo missa de corpo presente, incorporando-se ao longo do percurso até ao cemitério algumas centenas de pessoas, pois a senhora pelos seus dotes de bondade era muito estimada em toda a redondeza.

As famílias enlutadas enviaram as nossas sentidas condolências.

O comércio de Salir vai-se modernizando pouco e pouco. Agora acaba de abrir na rua da escola um mini-mercado optimamente montado de que é proprietário o sr. Luís Parreira, que regressou há pouco de França, onde permaneceu diversos anos como emigrante.

COMPRO

Grupo gerador Diesel, potência 1 KVA.

Resposta a este jornal ao n.º 55. (2-1)

ALUGA-SE

Armazém em fase de acabamento com a área de 150 m² na Rua da Marroquia.

Trata no local ou pelo Telef. 62891 de Loulé.

VENDE-SE

Apartamento, situado na Urbanização Expansão Sul, com 4 assoalhadas.

Com chave na mão.

Nesta redacção se informa.

A. I. A. — Agência Imobiliária do Algarve, Lda.

ALUGUER, VENDAS E ADMINISTRAÇÃO
COMPRA — VENDE — ALUGA:

APARTAMENTOS, MORADIAS, TERRENOS
BILHETES DAS EMPRESAS:

MUNDIAL TURISMO E RODOVIÁRIA NACIONAL

★

Telef. 65763 — Rua Diogo Cão, 12 (junto ao Turismo)
QUARTEIRA — ALGARVE



Pastelaria AMAZONA

FABRICO PRÓPRIO

FORNECEMOS BOLOS PARA:
CASAMENTOS, BAPTIZADOS,
ANIVERSÁRIOS, ETC.

DOCES REGIONAIS DO ALGARVE

Telef. 62503

LOULÉ

JALEX - PUBLICIDADE

RECLAMOS LUMINOSOS

CARTAZES PUBLICITARIOS

Telefone 53247
Rua 5 de Outubro

ALBUFEIRA

(10-5)

O DR. BAPTISTA COELHO

fala para «A Voz de Loulé»

acerca de problemas de VILAMOURA

(continuação da pág. 1)
afectada pela situação política e social existente no nosso País nos últimos anos.

A Lusotur, inserida numa das áreas de actividade afectas ao sector privado, nos termos da legislação em vigor, foi das poucas empresas dedicada à actividade imobiliária turística que, depois de 1974, conseguiu manter um razoável ritmo de realizações, só possível devido aos seguintes factores:

— manutenção dos financiamentos previstos pelo Fundo de Turismo e Banco Português do Atlântico para finalização das obras que estavam em curso;

— obtenção de apoio financeiro junto do B. P. A. e Caixa Geral de Depósitos, que lhe permitiu projectar e realizar novas obras, em especial no campo das infraestruturas básicas de Vilamoura;

— estabilidade social na empresa, fruto da consciência cívica

Foi assim possível desenvolver um trabalho de análise aprofundada do projecto inicial de Vilamoura que mereceu por parte de todos os interessados, desde o pessoal que trabalha na Empresa, às entidades financeiras e às oficiais a sua ratificação e o reconhecimento do alto interesse que actualmente tem para a economia nacional e terá, de um modo mais significativo, num futuro próximo.

É, pois, num quadro de estabilidade interna e de adequado suporte financeiro, uma vez que as receitas da empresa foram quase nulas de 1975 a 1977, que foi possível à Administração empossada em 1978 introduzir uma dinâmica de reestruturação da empresa e fomento de novas realizações que permitem desde já assegurar-lhe que o plano de expansão de Vilamoura está em marcha, tal como inicialmente planeado, com os inevitáveis acertos de pormenor que a prática e a evolução do empreendimento

ficiente para que um conjunto de novas obras dupliquem a actual capacidade de alojamento.

Quanto à Marina prevê-se que a sua primeira fase esteja concluída no prazo de dois anos, passando-se da actual capacidade para a prevista, ou seja de 615 para 1 000 postos de amarração. Preenchida a primeira fase, seguir-se-á logicamente a segunda fase, ampliação para 2 000 postos de amarração, cujos estudos foram já iniciados.

A ampliação da capacidade de atracção de barcos de recreio será acompanhada de um conjunto de realizações, designadamente a construção de um hangar para reparação de barcos, a ampliação do estaleiro, a construção de um telheiro para recolha de barcos e, por último, um clube náutico, infra-estrutura absolutamente indispensável para dinamização de actividades náuticas.

PRAIA DA FALÉSIA: VIVENDO LADO A LADO COM O SOL

V. L. — Vilamoura está dotada de todas as infraestruturas suficientes previstas no seu plano? Há algum projecto de construção de novos empreendimentos? Que se lhe oferece dizer sobre o projecto da nova praia?

— Vilamoura está neste momento dotada das infraestruturas básicas e de animação necessárias à satisfação das necessidades que o volume de construção existente exige, havendo até uma razoável margem de segurança em relação às infraestruturas básicas, designadamente no que respeita a abastecimento de água e fornecimento de energia eléctrica.

No que respeita a novos empreendimentos para dotar Vilamoura de uma maior capacidade no campo das infraestruturas quero referir, em relação às básicas, a realização em 1979/1980 das seguintes obras:

— Diversos arruamentos no valor de cerca de 20 000 contos;

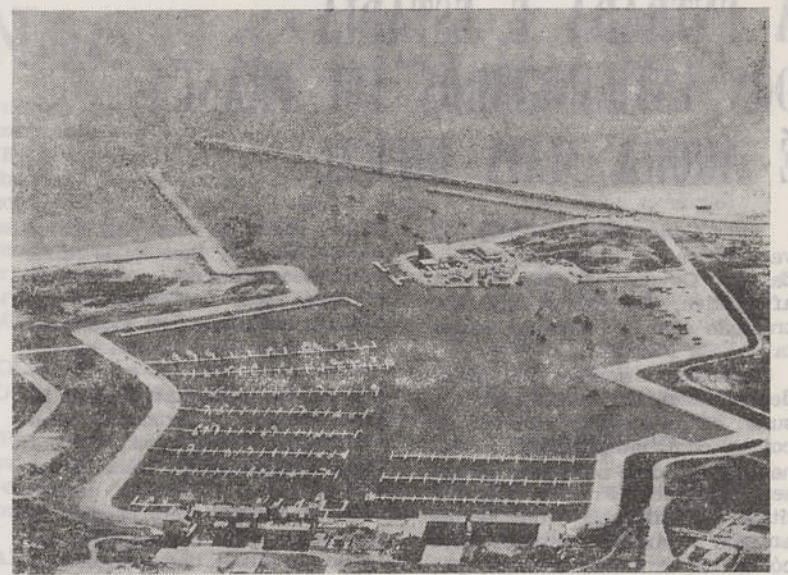
— Construção de um reservatório de água com o respectivo equipamento e abertura de novos furos de pesquisa;

— Elevação de esgotos para a estação de tratamento;

— Electrificação de mais zonas com um investimento da ordem dos 5 000 contos;

— Trabalhos de paisagismo, arborização e jardim no montante de cerca de 30 000 contos;

— Diversos trabalhos de infraestruturas em novos empreendimentos, com um custo aproximado de 20 000 contos.



Uma vista panorâmica da Marina de Vilamoura, que nos dá uma ideia da grandeza do empreendimento.

Em relação às infraestruturas de animação:

- Um cinema;
- Um campo de tiro;
- Um clube de ténis;
- Um arraial com características semelhantes às do conhecido Santinho de Viana do Castelo.

Quanto ao projecto da Praia da Falésia de Vilamoura podem já ser utilizadas este ano não só a ponte para peões que lhe dará fácil acesso bem como a estrada de ligação a partir da zona ar-

queológica e um magnífico parque de estacionamento para viaturas. Estão em fase de últimação de projecto as instalações da praia que, substituindo as actuais bastante precárias, dotarão aquela praia de bons restaurantes e adequadas instalações balneares. A execução desta obra será iniciada no fim da época balnear de 1979 de molde a poder entrar em funcionamento em Junho de 1980.

(Conclui no próximo número)

Promovido pela «Voz de Loulé»

CONCURSO FOTOGRÁFICO sobre chaminés algarvias

Começaram a chegar-nos os primeiros testemunhos de apoio e aderência à iniciativa que em boa hora, e recolhendo uma ideia do artista louletano José Batista, resolveu tomar em mãos.

Diversos entusiastas da fotografia, daqueles que vão desde a caixa escura, às máquinas sofisticadas, das câmaras de bolso, às tripés, dispuseram-se já a participar, iniciando trabalhos de pesquisa, pelo Algarve rústico e antigo, na procura da antiga tradição das chaminés algarvias.

«Acho a iniciativa louvável, sob todos os aspectos! Penso todavia que se deveria abrir o concurso também ao preto e branco modalidade onde se revela mais forte a imaginação e o engenho do artista fotográfico».

— Amílcar Marreiros, agente de seguros.

«Do ponto de vista de recuperação de tradições, e sem ser saudosista ou nostálgico, apoio toda e qualquer tradição que tenha uma raiz popular. É o caso!»

— João Mateus, professor secundário.

«Estou satisfeita por ver que alguém acordou finalmente para se conseguir preservar uma das nossas riquezas arquitectónicas: as chaminés. Escolheu-se o caminho da fotografia, como se poderia ter seguido outro. É de apoiar! Os meus parabéns à «Voz de Loulé» pela sua iniciativa!»

— Marta Prazeres, arquitecta.

Lembramos finalmente que, para concorrer, basta enviar-nos os trabalhos, a cores, com o tamanho de 8x12 cms., com a indicação do nome, morada, e localização das chaminés fotografadas. Aos autores dos três trabalhos

mais originais e artísticos, serão oferecidas reproduções exactamente iguais, em barro, da autoria de José Batista.

O prazo de entrega dos trabalhos expira em 31 de Setembro. Concorral

De novo

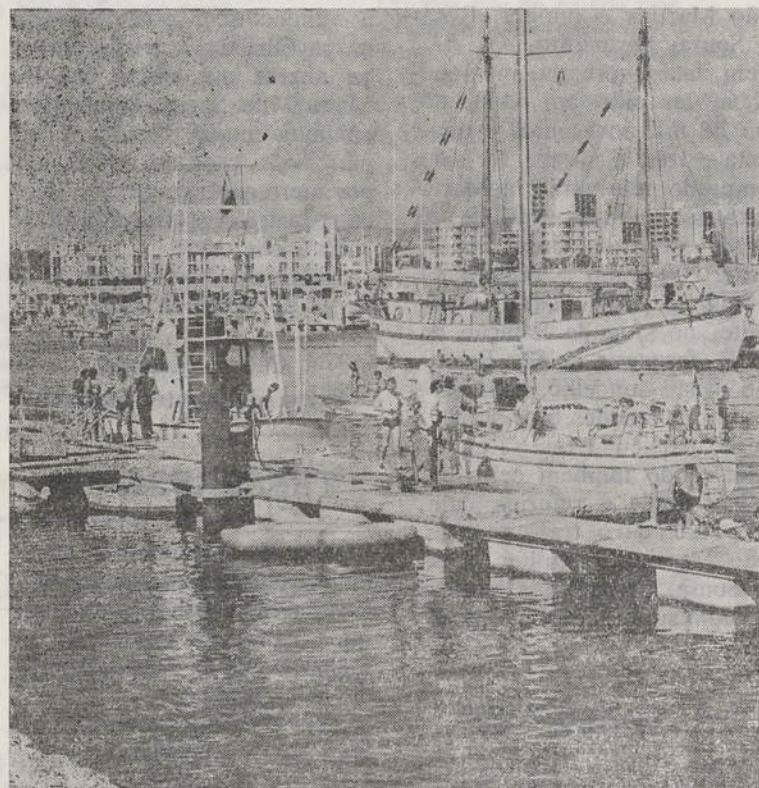
SERENATAS DE COIMBRA NO ALGARVE

O Rocal Clube vai manter a tradição e, mais uma vez, oferece duas verdadeiramente monumentais Serenatas de Coimbra, a 17 de Agosto nas escadas principais da Velha Sé de Silves e a 18 na lindíssima marina de Vilamoura.

Outra vez o Algarve de parabéns que vai ouvir o verdadeiro, genuíno e eterno Fado de Coimbra por iniciativa daquele eclético Clube, com os apoios da Câmara Municipal de Silves, C. R. T. A. e o empreendimento de Vilamoura.

E falando de tradição, de novo vão ser incontáveis os milhares de pessoas que se deslocarão a Silves e a Vilamoura para, em ambientes bem diferentes mas ambos próprios, se ouvirem duas Serenatas totalmente diferentes: em Vilamoura, a temática será a Serenata do Mar e da Vida, enquanto que no exterior da Sé de Silves, enquadrada pelo magnífico Castelo, se cantará a Serenata tipicamente Coimbra idénica às da Sé Velha.

Dois espectáculos inteiramente grátis a não perder, dois acontecimentos do mais alto nível, algo que ficará para sempre na memória de quem os fôr ver e ouvir.



CENTRO COMERCIAL VILAMOURA

O ponto de encontro do residente e do turista, com os artigos e serviços que ambos procuram e necessitam.

ca e profissional de larga maioria dos empregados da Lusotur que contrariou e impediu que métodos gongalvistas tivessem sido nela introduzidos.

aconselharem.

Penso que a fisionomia de Vilamoura estará substancialmente alterada dentro de três anos, período de tempo que reputo de su-

O Banco Fonsecas & Burnay tem o prazer de informar que, para facilitar as férias dos seus Clientes, está a prolongar o horário de abertura do seu balcão para COMÉRCIO DE CÂMBIOS.

Consulte a nossa Agência em
QUARTEIRA — Av. Infante de Sagres

BANCO FONSECAS & BURNAY
Mais tempo aberto para servir melhor



A ENTRADA E ESTADIA DOS ESTRANGEIROS EM FRANÇA É AGORA MAIS DIFÍCIL

(Continuação da pág. 1)
va política de imigração definida pelo Governo francês? E na afirmativa, não está ela em contradição com a tradição hospitalar da França?

Resposta: Criou-se uma grande confusão, em volta desse assunto. É necessário encarar as coisas com simplicidade e honestidade. Como em todos os países, existe em França uma política de imigração com textos antigos e muito restritos. No código do trabalho francês, por exemplo, há textos que prevêem a possibilidade de fixar por decreto, o número máximo de trabalhadores imigrantes por empresa, por ramo e por região. Existem igualmente textos, que proíbem empregar trabalhadores estrangeiros, a um nível que ultrapasse os 5%. Isso acontece, nos serviços considerados públicos. Certos textos, limitam mesmo o número de trabalhadores imigrantes a serem admitidos, nas empresas que beneficiam de mercados públicos. Esses textos datam de 1932. Eram chamados textos de protecção da Mão-de-Obra nacional. Não se trata agora de os aplicar. É simplesmente necessário de definir uma política que se adapte à actual situação da França, não esquecendo de ter em conta os direitos dos trabalhadores imigrantes. Actualmente, existe uma situação em que a desordem é total. Há cartas de estadia que não dão direito a cartas de trabalho. Há autorizações de residência em que os prazos variam entre um ano e dez anos. Há certas condições de revalidação que escapam a qualquer regra conhecida. Ora se recusa, ora se concede, sem que isso possa responder concretamente, a critérios objectivos. Um país tem que ter uma política clara de imigração.

Em que consiste essa política no que toca à França? Interroga-se Giscard, e logo responde: Consiste na distinção entre dois grupos. As pessoas que vieram viver para França, trabalhar aqui, por conseguinte que compartilham a nossa vida nacional, mesmo continuando com a nacionalidade de origem. Estas devem poder continuar a viver em França, sejam quais forem as dificuldades que se lhe deparem, tanto ao nível de tra-

balho, como na sua vida particular. Não se lhes pode dizer para abandonarem o território nacional, pela razão que a conjuntura económica se modificou.

Por outro lado, há aqueles que vieram para França com o objectivo de trabalharem por algum tempo. A legislação francesa deve ser aplicada de maneira que assim que eles encontrarem esse trabalho, possam obter as devidas autorizações. Se por acaso não conseguirem trabalho os ditos documentos não serão revalidados. E isso deve ser previsto pela Lei. Para todos aqueles que já estejam integrados na vida nacional do país, os chamados residentes privilegiados, haverá agora com a nova legislação um melhoramento. A partir deste momento, as respectivas cartas de estadia e de trabalho, serão automaticamente revalidadas. Por outro lado, aqueles que vieram para trabalhar apenas por algum tempo, e que não estão verdadeiramente integrados com a respectiva família, obterão autorizações de estadia com o prazo único de três anos, as quais serão ou não revalidadas em função do mercado do trabalho.

A segunda: A nova legislação é ela aplicável aos trabalhadores vindos dos países candidatos ao ingresso na C.E.E., como são os casos, da Grécia, da Espanha e Portugal?

Resposta: «Não há dúvida que para os trabalhadores originários desses países, visto a situação que evocou, a aplicação dessa legislação será certamente menos rigorosa tendo em conta essas candidaturas».

Para quem como nós assistiu da nossa tribuna de jornalista parlamentar, aos belicosos debates, a propósito da entrada e residência dos estrangeiros em França, e que conhece o contexto actual da situação económica e social do país, o volume do desemprego, não pode duvidar que as coisas na prática, não são tão fáceis como o Presidente Giscard nos resumiu. Basta lembrar que em França residem actualmente, quatro milhões e duzentos mil estrangeiros, dos quais 882 500 são portugueses. Por outro lado, de um milhão e trezentos mil indivíduos sem trabalho, cerca de cento e cinco mil não são estrangeiros e dos quais, catorze mil cinquenta são portugueses. Isto com o agravante, de se ter a certeza que, dado a conjuntura económica internacional e o aumento contínuo do preço das matérias primas e não só, que esse estado de coisas, só tem tendência para se agravar, com o acréscimo da inflação e o aumento do número dos desempregados. Os tempos das vacas gordas para os países industrializados do ocidente — como diria Marcello Caetano — (os países de Leste e não só, nunca as conheceram) foi vinha que já deu uvas. Assim, os trabalhadores estrangeiros, não podem deixar de sofrer as consequências lógicas dessa conjuntura.

Manel de Querença

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado
Nuno António da Rosa
Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º A-108, de fls. 86 a 88, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada ontem, na qual José de Sousa Martins e mulher, Lídia do Nascimento Rodrigues, residentes no sítio da Franqueada, freguesia de S. Sebastião, concelho de Loulé, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte prédio:

rústico, constituído por terra de semear, com árvores, no sítio dos Selões, freguesia de S. Sebastião, concelho de Loulé, confrontando do norte com Maria Santana Bárbara, do nascente com José Gonçalves Bota, do sul com António Martins e do poente com José Cristovão de Sousa, omisso na Conservatória do Registo Predial deste concelho, e inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número mil quatrocentos e cinquenta e quatro, com o valor matricial de mil duzentos e sessenta escudos e o declarado de vinte mil escudos;

Que este prédio lhes pertence pelo facto de lhes ter sido adjudicado e ficado a pertencer na partilha dos bens que

havam sido doados, em comum ao varão e ao seu irmão, Celestino José de Sousa Martins, casado segundo o regime da comunhão geral de bens, com Zélia Maria Rodrigues Guerreiro, residente no sítio da Picota — Parragil, da freguesia de S. Sebastião, deste concelho, por seus pais, João Martins e mulher, Rosa de Sousa, residentes no sítio de Cabeça de Câmara, freguesia dita de S. Sebastião, através da escritura de vinte e nove de Julho de mil novecentos e setenta e seis, lavrada a folhas sessenta e seis, verso, do livro número C — oitenta e nove, de nota para escrituras diversas, deste Cartório;

Que atendendo ao disposto no artigo treze, número um, do Código do Registo Predial, não é aquela escritura título suficiente para o registo; a verdade, porém, é que o prédio supra descrito pertencia aos transmitentes, os referidos João Martins e mulher, Rosa de Sousa, porquanto,

em data imprecisa, mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e quarenta e três, o mesmo ter sido comprado pelo varão, a Maria Antónia ou Maria Antónia de Sousa, e marido, José Farias, casados segundo o regime da comunhão geral de bens, residentes no sítio da Estação de Loulé, freguesia de S. Sebastião, deste concelho, pelo preço de mil escudos, por simples escrito particular que se extraviou; sendo também certo, Que desde a referida data, os aludidos transmitentes, João Martins e mulher, Rosa de Sousa, passaram a possuir o prédio supra descrito, em no-

me próprio, sem a menor oposição de quem quer que fosse, posse sempre exercida sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso a sua posse pacífica, pública e contínua, pelo que na data da citada escritura de vinte e nove de Julho de mil novecentos e setenta e seis, já o haviam adquirido por usucapião.

Que em face do exposto não têm eles justificantes possibilidades de comprovar o direito de propriedade perfeita dos doadores, João Martins e mulher, Rosa de Sousa, sobre o prédio supra descrito e então doado, pelos meios extrajudiciais normais; esclarecendo, por último,

Que é titular da referida inscrição matricial Manuel de Sousa Guardador, avô dele justificante varão e pai das referidas Maria Antónia e Rosa de Sousa, e que o prédio supra descrito havia sido adjudicado à vendedora Maria Antónia, na partilha dos bens da herança aberta por óbito daquele Manuel de Sousa Guardador, em data muito recuada e que não pode precisar, efectuada por mero contrato verbal, nunca reduzido a escritura pública.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 27 de Julho de 1979.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

TRESPASSA - SE

Dois estabelecimentos de tecidos e confecções, com ou sem existência, servindo para qualquer ramo de comércio, no melhor local da rua do Comércio em OLHÃO.

Tratar pelos telefones 72635 ou 72529 — OLHÃO.

VENDE-SE

Um táxi e o respectivo alu-guer no Ameixial.

Informa: José Guerreiro Fernandes - Ameixial - Loulé. (6-2)

AUTO MECÂNICA DO AREEIRO

Estrada Goncinka - Almansil, tem para venda, as seguintes viaturas usadas:

- Saviem, caixa aberta, 3 500 quilos
- Peugeot 404, caixa aberta, a gasóleo
- Morris Mini 1000
- Citroen Dyane Super
- Ford Escort Station
- Honda Coupé 800 S

(3-2)

QUARTEIRATUR

AGÊNCIA IMOBILIÁRIA E TURÍSTICA

ALUGUER, VENDA E ADMINISTRAÇÃO DE APARTAMENTOS — MORADIAS — TERRENOS

Av. Infante de Sagres, 23

Telef. 65488

QUARTEIRA — ALGARVE

(25-3)

LOULÉ



CESALTINA SIMÕES
GUADALUPE

AGRADECIMENTO

Seus pais, José Maria Rodrigues e Maria Clara Mendes Simões, seu marido Arménio Ferrer T. Neves e irmãs, vêm, através da «Voz de Loulé» agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada a saudosa extinta, compartilhando assim a sua dor, pois sentem a impossibilidade de agradecer individualmente a todos os amigos que os acompanharam em horas tão tristes e dolorosas.

TRESPASSA-SE

Estabelecimento de Fazendas, Retroseiro, Chapelaria e Confecções, situado no melhor local da vila de Loulé.

Com ou sem recheio.

Ampla espaço para qualquer outro negócio.

Tratar com Francisco Portela — Telef. 62755 — Loulé.

Trespasa-se

POR CARÊNCIA DE TRANSPORTE PRÓPRIO,

TRESPASSA-SE DIREITO A EXPLORAÇÃO DE SERVIÇO DE MERCADORIAS PELO CAMINHO DE FERRO, ENTRE LOULÉ E LOULÉ - CENTRAL.

TRATAR COM HENRIQUE VIEIRA CORREIA,

NA CENTRAL DE MERCADORIAS — RUA DR.

CÂNDIDO GUERREIRO (JUNTO A CASA JUSTO).

(2-2)

CANTINHO DA CRIANÇA

Secção de e para a Criança

É IMANENTE A POESIA INFANTIL

Porque será que a poesia brota com espontaneidade da mente da Criança?

A questão poderia desencadear uma longa explanação psicanalítica. Ficamos porém num «âmbito simplista e nestes termos, apraz-nos invocar a visualização do «seu mundo»

(quase onírico), tal como a Criança o vê e sente, diferente do «duro mundo» competitivo e árduo da gente adulta.

A predisposição que anima a criança a escrever poesia advém directamente da visão primaveril, fortemente influenciada pelo seu imane optimismo e encantamento por tudo quanto a circunda.

Ler e compreender a poesia infantil é de algum modo ingressar num mundo cristalino. É reaprender algo que se esqueceu, ou vagamente se recorda.

POEMA

*Criança, como és linda!
Es a flor da amizade...
Es a alegria e a esperança,
Es o futuro da liberdade!*

*Criança, nos teus olhos há docura,
nos teus lábios há ternura,
No teu coração há amor,
tua voz é doce, é pura.*

Ana Maria Duarte Quintino
(11 anos)

Escola Preparatória de Loulé

VENDE-SE

Uma propriedade na periferia da vila, perto da estrada, com bom arvoredo, casas de habitação, água e luz e boas dependências agrícolas.

Tratar com João Cabaço — Rua de Portugal — Telef. 62760 — LOULÉ.

(2-1)

A CRIANÇA

*Criança que ao mundo vem
Fruto de tanto carinho e amor
Tantas vezes, a compreensão não tem
Tantas vezes, é infeliz e cheia de dor.*

*Quero que neste ano, em cada dia,
Haja sempre paz e amor profundo
Para que todas as crianças tenham alegria
Não só em Portugal como em todo o mundo.*

Angela Maria Bispo Galvão
(11 anos)

Escola Preparatória de Loulé

OS DIREITOS DA CRIANÇA

I

*Aqui te venho lembrar
os direitos da criança.
A ti, homem ou mulher,
que te vão na lembrança.*

II

*Gosta de mim a valer
dá-me pão, educação;
não te esqueças de mim,
dá a isto atenção.*

III

*Faço sa traquinices,
sou ainda criança...
Perdão às maldades,
fica na esperança...*

IV

*Estou muito contente
e cheio de confiança,
porque este ano é:
dedicado à CRIANÇA.*

António Inácio Gonçalves
de Campos
(11 anos)

Escola Preparatória de Faro

Agradece graça recebida ao Divino Espírito Santo, sagrado coração de Jesus de Braga e pede perdão por só agora o fazer.

A. V. S.

Não é só dar o nó!...

«Antes que te cases vê o que fazes», diz o povo.

Esta é uma frase cheia de sabedoria: o casamento é um momento importante da vida das pessoas. Antes de casar é preciso saber o que se vai fazer, é preciso conhecer os deveres e os direitos de cada um antes e depois do casamento.

MODALIDADES DO CASAMENTO

Para a lei portuguesa há duas formas de casamento: a civil e a católica. Ambas têm os mesmos efeitos legais.

PARA CASAR É PRECISO: — TER IDADE

Tanto as mulheres como os homens podem casar a partir dos 16 anos e nunca antes dessa idade.

No entanto, até à maioridade, isto é, até aos 18 anos completos, os jovens só podem casar quando autorizados pela mãe e pelo pai, ou apenas por aquele que exerce o poder paternal, ou pelo tutor.

Se tal autorização não for concedida, pode o menor requerer ao juiz que conceda ele essa autorização. O juiz fá-lo-á apenas se entender que há razões fortes para a celebração do casamento e que o menor tem suficiente maturidade física e mental.

VENDE-SE

Vende-se um prédio velho, com projecto aprovado.

Tem quatro frentes e 800 m².

Nesta redacção se informa. (3-1)

OUTRAS CONDIÇÕES

Por lei não pode casar quem se encontre em determinadas condições. Assim, por exemplo: Não podem casar, seja com quem for:

- os dementes;
- os que já são casados, civil ou catolicamente;
- as mulheres cujo casamento anterior se dissolveu há menos de 300 dias, por morte ou divórcio (salvo casos especiais);
- os homens cujo casamento anterior se dissolveu há menos de 180 dias, por morte ou divórcio (salvo casos especiais);
- não podem casar entre si as pessoas com grau de parentesco muito próximo.

PRÓXIMOS CAPÍTULOS — Antes do casamento — Celebração do casamento — Registo do casamento.

VENDE-SE

Ford Transit 1975 de carga, c/ caixa fechada e em bom estado de conservação.

Tratar na Rua Almeida Garrett, 21 ou pelo telef. 62756 — Loulé.

VENDE-SE

Uma casa c/ 5 divisões, quintal e pátio, com chave na mão.

Situa-se nos Olhos de Água a 100 metros do mar.

Tratar: telef. 66378 — Bo-liqueime. (4-1)

FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» Peio Dr. Ataíde Oliveira

siona. Parece que as suas casas, embora pobres e de uma fabricação muito ordinária, traduzem uma antiga nobreza. Desejei investigar e só encontrei um nome que se lhe parece **Abin-Afan**.

Quem pode negar ou afirmar que o rei de Silves escolhendo aquele sítio agradável, fundasse ali uma aldeia, onde fosse descansar das labutas da administração e lhe desse o seu nome?

O que ninguém pode negar àquela aldeia é a sua aparência afidalgada, o aspecto de um rico arruinado.

Há também em Alte o sítio dos **Mortórios** onde têm sido encontradas muitas sepulturas com objectos de barro dentro. Existe ali um forno de cal e aí aparece uma moura encantada, segundo a lenda da localidade.

Ao sul de Alte está o sítio do **Esteval dos Mouros**, denominação que traduz a existência de mouros, quando estes aqui dominavam. Este sítio não fica muito longe do Castelo de Paderne, onde os mouros se fortificaram brilhantemente, quando foram acometidos pelos freires de D. Paio.

No sítio da **Soalheira**, também no âmago da serra, como o dos Braganções, há vestígios de ter sido em épocas remotas, teatro de mui antiga civilização. Certo proprietário do sítio mandou deitar uma azinheira abaixo. Os trabalhadores, arrancando a árvore, encontraram uma sepultura. Na suposição de que ali estivesse escondido algum tesouro, destruíram tudo. Não encontraram o que desejavam e antes ficaram convencidos de que a cova não passava de um ninho de mouros; tão extravagantes e desusados eram os objectos que ali encontraram!

— Que objectos eram? perguntei.

Nem souberam contar o que tinham visto.

E de tudo posso concluir que se a freguesia de Alte se torna curiosa pelas suas referências às mouras encantadas, é possível que mais curiosa se tornasse se algum paleontologista a estudasse e a visitasse.

A MOURA DO AMEIXIAL

IX

O Ameixial é a sede de uma freguesia da mesma designação

e está situado em serra fragosa e áspera.

Diferentes designações em diversos sítios acusam a civilização serracena. Próximo do sítio do **Pego dos Cavalos**, há outro conhecido pelo da **Moura**. Afirmam as tradições locais que ali ainda hoje está uma moura encantada.

Diz a lenda que semanas depois da expulsão dos mouros, passou por aquele sítio um rapaz de vinte anos, filho de abastado proprietário daquela freguesia. Viu ele sentada à beira do caminho uma formosa mulher, alva como a espuma do mar, e de cabelos fartos e tão louros que pareciam madeixas de ouro. A mulher formosa **costurejava** (costurava) tendo ao seu lado uma tesoura de ouro.

O rapaz quedou-se pasmado para a mulher e para a tesoura. Então ela, sorrindo-se agradavelmente para o mancebo, perguntou-lhe:

— De qual gostas mais?

O rapaz mostrou não compreender a pergunta.

— Sim, repetiu ela, de qual gostas mais: de mim ou da tesoura?

Esta pergunta fez estremecer o rapaz que logo pensou que a mulher não era **coisa boa**. Por isso respondeu imediatamente:

— Gosto mais da tesoura.

A dama carregou a viseira e disse carrancadamente:

— És um parvo: perdeste a tua fortuna.

Disse estas palavras e desapareceu repentinamente, deixando o rapaz estupefacto.

Nessa noite contou ele a diversas pessoas o que lhe sucedera e todos à uma concordaram que o rapaz estivera em grande perigo de perder a alma pois que a dama era certamente uma moura encantada.

E era. Por muitos séculos foi ali vista, e ainda hoje à meia noite em ponto, ou ao meio dia, muita gente a tem visto, ora costurando, ora chorando, e algumas vezes na atitude de pensar profundamente, mostrando-se estranha a tudo que a cerca e rodeia.

Em um sítio próximo da **Portela**, onde há um lagar de moer azeitona, existem quatro ou cinco grandes pedras, colocadas perpendicularmente, com pequenos intervalos, que a tradição afir-

Dois tipos de personagens com grande impacto na Vida Nacional

As «falsas personalidades» traduzidas pela *ambiguidade*, manifestada nos seus comportamentos e atitudes, são ou podem ser, produto da indefinição, por conveniências ou compromissos pessoais assumidos, a grupos ou associações em que se obrigam à aparente ou omissa indefinição.

As manifestas controversas, em face de situações deparadas, não previstas e opções tomadas, podem obedecer à estratégia indicada ao momento, em face da evolução não favorável ao sistema, tático formal, de objectivos e finalidades bem definidas, identificadas com as convicções e ideário, que o estratega responsável defende e orienta.

Nestes casos, estamos perante «personalidades falsas», que por omissão da sua definição clara e aberta, procuram por sinuosidade e a coberto da aparente personalidade autónoma, não tendenciosa nem influenciável, dirigir e orientar as operações táticas, visando os seus objectivos e finalidades por simulação, prestando-se a interpretações externas confusas, duvidosas, pelos flagrantes contrastes a que a estratégia pode conduzir, dando a impressão real, que se trata de «Personalidades Ambíguas», quando na realidade são «Falsas Personalidades».

Embora estes dois tipos de personalidades, aparentemente características idênticas, ambos relevantes em «Ambiguidade», são na realidade diferentes, tendo características comuns, identificadas essencialmente pela falta de Personalidade e Ademocraticidade, de que se revestem.

As «falsas personalidades», por fechadas, enigmáticas, operando a coberto pela falta de democraticidade, são mais perigosas pelo misterioso e duvidoso a que se acolhem, expressando as suas fórmulas de actuação, pelo autoritarismo ou autocratismo, que conduz ao impedimento do processo democrático, baseado em fórmulas completamente opostas.

A *personalidade ambígua*, não pela via da falsidade, mas da incompetência, não é tanto perigosa mas, não deixa por tal, de contribuir ou levantar problemas, de difícil solução, podendo também constituir um freio ou entrave, ao desenvolvimento e edificação do processo democrático.

A personalidade, que desconhece as suas possibilidades ou limites em capacidade, é ultrapassada e como tal, não pode dar respostas satisfatórias, quando os problemas superam as suas aptidões e competência, pelo que logicamente, se situará numa posição de inferioridade pessoal, perante a missão e desempenho, sendo forçado a optar pela *ambiguidade*, por incompetência.

A crise, que degradou a vida dos portugueses, referência especial ao após a deslumbrante *Revolução dos Cravos*, do dia 25 de Abril de 1974, deve a sua evolução na via do dramático-trágico, ao role de *Personalidades da Incompetência*, que pela desorientação, demagogia e sectarismo surgido, tipo pandemónio, correu com os competentes, substituindo-os pelas altas camadas das *Personalidades da In-*

competência, a coberto das outras e mais elevadas, *Pers-nalidades Falsas*.

Estamos todos metidos na nau, que navega a belo conteúdo e ao sabor dos *dois tipos de personagens*, salvo algumas excepções, sem força suficiente, até ao presente, para operar a viragem, que alguns desenraizados e falsos propagandeiros de ideários, não de interesse nacional mas, pessoal e estranho à Soberania da Pátria, denodadamente se têm empenhado, sem representatividade moral, porquanto estão longe presentemente de representar a maioria do Povo Português, que tão sarcásticamente souberam lograr.

Filipe Viegas

UM VELEIRO AO SERVIÇO DO TURISMO ALGARVIO

A Marina de Vilamoura continua a oferecer aliciantes motivos que nos levam a acreditar como sendo o empreendimento de maior impacto para o futuro do turismo algarvio. E não só para o turismo propriamente dito, mas até directamente para a economia regional no que se refere ao sector das pescas, pois no seu anteporço se abrigam centenas de barcos que se dedicam à actividade piscatória.

Mas não é disto que queremos falar hoje, mas sim do facto da Marina de Vilamoura servir agora de ancoradouro do velho/novo veleiro que há cerca de 40 anos serviu os mares e hoje está ao serviço do turismo algarvio para proporcionar aos nossos visitantes a oportunidade de conhecerem os maravilhosos rendimentos da

costa algarvia e saberem como se velejava no século passado.

Pois como tudo o que é antigo, também o veleiro «Erich Borgman» tem a sua história. Dela ficámos sabendo um pouco durante a recepção que há dias foi proporcionada a bordo deste elegante barco e em que estiveram presentes entidades oficiais e representantes da empresa.

Do acontecimento daremos mais pormenores no próximo número.

Dr.a Maria Josefina Duarte Barros

Pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, acaba de concluir a sua licenciatura em Filologia Românica, a nossa conterrânea Sr.ª Dr.ª D. Maria Josefina Duarte da Piedade Barros, filha do director deste jornal e de sua mulher D. Maria de Lourdes Duarte Barros e que exerce o magistério como professora no Externato Júlio César, em Lisboa.

Endereçamos-lhes os nossos parabéns com votos de feliz carreira profissional.

Consagração Nacional à pianista MARIA CAMPINA

(Continuação da pág. 4)

guilho dos nossos conterrâneos, terminamos com as palavras que gravámos para testemunhar, naquela histórica noite, da nossa illustre conterrânea:

«Para a insigne pianista louletana Maria Campina, como testemunho de grande apreço pela admirável obra realizada em prol da música em Portugal, e de felicitação pela justa homenagem que lhe é prestada.

Que o dia de hoje simbolize a justa gratidão de quantos reconhecem em Maria Campina a pianista distinta e a professora dedicada, cuja paixão pela música a consagrou como artista de elevado mérito, para honra e glória do nosso Algarve e de Portugal».

A DUPLA UTILIDADE DO CONSERVATÓRIO DO ALGARVE

A justa homenagem que há dias foi prestada a Maria Campina, no Teatro Lethes não foi apenas a consagração da insigne artista. Foi algo mais porque envolve também essa admirável obra que se chama Conservatório do Algarve e de cuja existência se vêem já frutos de incalculável valor para o desenvolvimento artístico da nossa província.

Queremos referir-nos não apenas ao facto de se incrementar o gosto pela música e proporcionar o aparecimento de valores que de outra forma nunca chegariam a revelar-se por carência de oportunidades, mas tão somente queremos realçar também a circunstância de facilitar o aperfeiçoamento daqueles que já tendo há muitos anos iniciado os seus estudos, os suspenderam por circunstâncias várias da sua vida familiar.

Vem isto a propósito de 2 professoras do Conservatório do Algarve que, ensinando, aprenderam mais e aperfeiçoaram os seus conhecimentos a ponto de, há poucos dias, poderem deslocar-se a Lisboa para prestarem provas de fim do curso.

Concluíram assim o 9.º ano do Conservatório Nacional de Lisboa e culminaram os estudos iniciados aos 7 anos de idade e que foram interrompidos por carência de novas oportunidades que só a existência dum Conservatório no Algarve poderia ter proporcionado.

Estamos-nos referindo à nossa conterrânea sr.ª D. Silvina Rocha Contereira Madeira, esposa do nosso estimado amigo e assinante sr. Madeira e à nossa compatriota sr.ª D. Maria Isabel Ramos Rocheta Cassiano, esposa do nosso prezado amigo sr. Dr. Rocheta Cassiano, ambas iniciadas nos sons musicais desde a meninice e ambas professoras do

Conservatório desde a sua criação, o qual lhes proporcionou esta oportunidade, uma magnífica oportunidade de se valorizarem e fomentaram o aparecimento de novas vocações e mais professores e valorização a nível musical da nossa província.

E assim, se por um lado estamos de parabéns pelas duplas vantagens de possuímos um Conservatório, também temos que endereçar os nossos parabéns a quem tem dedicado à música tantos e tão preciosos anos da sua vida.

Que obtenham novos êxitos são os nossos desejos.

ALIENAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL

(Continuação da pág. 1)

ções e entrega-se sem a necessidade do acto físico aparente da submissão.

A convergência de ambos os métodos, há anos em curso, ameaçava entregar a sociedade civil aniquilada à captura de um poder que é sempre totalitário.

O primeiro sintoma claro de que um tal ponto de completa renúncia se aproxima é sempre marcado na estatística do abstencionismo eleitoral, na deserção do voto, na aceitação de que o problema do poder é coisa dos outros, justamente os poucos que inflexivelmente procuram a total captura do domínio do aparelho do Estado a partir do domínio da sociedade civil.

É coerente com este processo de luta pela ocupação do Estado e pelo domínio total da sociedade civil que se recusa estabelecer o voto obrigatório, porque este corresponde a uma terapêutica de choque destinada a impedir o alastramento dessa apatia que en-

trega a sociedade civil ao primeiro ocupante minoritário, decidido e organizado.

A sociedade civil pode manter as convicções e vergar os joelhos, tal como os judeus marcharam com fé íntegra, e sem resistir, para o aniquilamento da solução final; a sociedade civil pode ser dispensada dessa submissão física, desde que perca as suas convicções e deixe morrer por dentro os valores que lhe pertencem, resignando-se a outros.

Em ambos os casos deixou de contar no processo político e, tendo renunciado ao direito de intervir, está pronta a ser a coisa do primeiro ocupante.

Será definitivamente uma sociedade pária, dependente, alheia e rigorosamente alienada. O primeiro sinal de que recusa esse destino está no exercício do direito de voto. O primeiro sinal de que aceita esse destino está na abstenção de votar. É uma escolha.

ADRIANO MOREIRA
(De «O Primeiro de Janeiro»)

ELEIÇÕES INTERCALARES mais um golpe na economia nacional e consequente aumento do custo de vida

Que os políticos do após 25 de Abril se têm revelado como autênticos golpistas, provam as constantes mudanças governamentais, filhas dos jogos malabares, dos que actuando mais por «partidarite» que por amor à Pátria, não têm dúvida em classificar de bom o que é mau e vice-versa.

Que o governo de Mota Pinto diligenciou reparar erros dos governos anteriores, estando indicado que se deveria manter até às eleições legislativas previstas na Constituição, reconhecem quantos não sofrem da grave doença da «partidarite». Mas como há chefes políticos que querendo governar sozinhos são capazes de se vender para alcançarem seus fins, provocam golpes tendentes a desestabilizar os capazes de se sacrificarem pelo bem da Pátria.

Só assim se explica que o Chefe do Estado tenha sido favorável a eleições intercalares a poucos meses das legislativas, fazendo defraudar a já débil Economia Nacional com prejuízo e de todos, pois que o Povo saturado de eleições sem resultados positivos, abster-se-á de votar em grande maioria, e a situação poderá vir a modificar-se para pior, dado que os mais contrários ao verdadeiro progresso, votam sempre.

A redução de despesas é algo que se impõe para não sobrecarregar os contribuintes com mais impostos, mas os Chefes políticos parecem ter apostado em aumentá-las para apres-

sar a ruína de Portugal que juraram defender.

O sentido de amor pátrio está pelas ruas da amargura, porque o materialismo ganhando foros de civilizado vai corroendo até os que juraram perante Deus e os homens defender a Pátria até à última pinga de sangue. Os políticos fazem promessas sem fim para ganharem a confiança do Povo, mas uma vez em posições de comando, esquecem-nos e passam a exigir sacrificios dos que juraram proteger, sem, na maioria dos casos, se sujeitarem aos mesmos.

Escasseiam, pois, exemplos de justiça social, e como sem esta, nada feito para atingirmos o verdadeiro progresso, ousar defender, desde já, ponderação na propaganda, que regra geral, antecede o período eleitoral, para não ferirem demasiado os ouvidos dos que sofrem por muito ter sido prometido e pouco concretizado.

Mais ainda, falar ao coração dos que ainda se honram de ser portugueses, que sacrifiquem os interesses individuais e partidários, aos da comunidade, visto que, só estes, poderão elevar-nos e o torrão que nos viu nascer.

Joaquim Pincarreta

VILAMOURA TEM NOVO ATRACTIVO

(continuação da pág. 1)

maravilhosa Marina... porque o mar é forte atractivo e porque a Marina é de facto, um aprazível recanto de beleza invulgar e acolhedor ancoradouro para os que podem percorrer os mares nos seus barcos privados.

E quem gosta de estar parado sobre águas calmas e disfrutar soberbos panoramas que só o mar proporciona, tem agora ali um magnífico lugar para as suas refeições e de recreio para as suas horas de lazer.

Referimo-nos ao antigo cálcilheiro que já se chamou «Alentejo» e depois passou a ser o «Silves» e que durante longos anos transportou milhares de passageiros entre as 2 margens do Tejo. Cumpriu a sua missão como barco transportador. A sua existência vai ser ainda longa porque foi reconstruído, melhorado, modernizado e apetrechado para cumprir nova missão: lugar de estar e recreio ancorado no bonito e saudável local que é a Marina de Vilamoura.

A iniciativa fica a dever-se ao sr. Amadeu Silva que comprou o «Silves» em leilão e o transformou no Restaurante de luxo para 180 pessoas que denominou de «Vapor» e dentro do qual funciona também um bar de luxo, uma esplanada, discoteca, «Sup-inglesa» e tabacaria.

Como empreendimento que está ao serviço do público, dispõe naturalmente de todas as infraestruturas modernas e das mais aconselháveis precauções contra o fogo, que inclui um sofisticado sistema de controle de incêndios. Tem gerador próprio e depósitos de água.

O sr. Américo Guerra, que há vários anos tem a sua actividade profissional ligada a este tipo de empreendimentos e é já muito conhecido entre nós pelo seu trabalho no Casino de Vilamoura, exerce ali as funções de colaborador da administração e foi, portanto, quem fez as «honras da casa» na recepção que ofereceu aos numerosos convidados, entre os quais vimos menos o Presidente da C. R. T. A. sr. Cabrita Neto, os srs. Governador Civil de Faro, Presidente da Câmara de Loulé, e outras entidades oficiais e representantes dos órgãos de comunicação social.

Trata-se na verdade de um arrojado empreendimento que merece ser correspondido por quem esteja interessado em fomentar o turismo no Algarve e por isso formulamos votos pelas prosperidades de louvável e ousado empreendimento que vem dar um forte contributo para o desenvolvimento turístico de Vilamoura.

Os nossos agradecimentos pela gentileza do convite.